

Discurso de professores temporários de língua inglesa: identidade e representação

(Discourse of temporary English Language teachers: identity and representation)

Silvelena Cosmo Dias¹

¹Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – Campus de Três Lagoas (UFMS/CPTL)

diascosmo@yahoo.com.br

Abstract: This study aims at identifying the traces of constitutive identity of teacher/subject – temporary English Language teachers – that come from their discourses on classified test about the new Curricular Propose. This work is based on the theory and methodology of French current Discourse Analysis and it has as focus the concept of identity according to Hall (2006); and Coracini (2003, 2007). To collect our corpus, we interviewed three teachers of two public schools. The work intended to verify what representations the teachers made of themselves for being evaluated by the public institution, what representations they made of the test and the government that uses it as a criterion to distribute classes. By the answers of the interview, we could obtain relevant information about the identity construction process of the English Language teachers, and capture only fragments of identification. In this way, we conclude that teacher/subject have their identities fragmented in process of construction and reconstruction.

Keywords: English language teacher; classification test; identity; representation.

Resumo: Este estudo objetiva identificar traços identitários constitutivos do sujeito/professor – professores temporários de Língua Estrangeira Moderna (LEM) emanados de seus discursos acerca da prova classificatória sobre a nova Proposta Curricular. Este trabalho sustenta-se no arcabouço teórico-metodológico da Análise do Discurso de corrente francesa e tem como foco o conceito de Identidade segundo Hall (2006) e Coracini (2003, 2007). Para a coleta do corpus, entrevistamos três professores de duas escolas públicas. O trabalho pretendeu verificar que representação o professor faz de si em ser avaliado pela instituição pública, que representação ele faz da prova e do governo que a utiliza como critério de atribuição de aulas. Por meio das respostas da entrevista, obtiveram-se dados relevantes quanto ao processo de construção da identidade do professor de LI, sendo possível apenas captar fragmentos identificatórios. Portanto, conclui-se que o sujeito/professor tem suas identidades fragmentadas e em processo de construção e reconstrução.

Palavras-chave: professor de língua inglesa; prova de classificação; identidade; representação.

Introdução

A teoria da Análise do Discurso de corrente francesa, que marca seu início na década dos anos 60 e que tem como seu fundador Michel Pechêux, considera a linguagem não transparente, ou seja, considera-a na sua opacidade, necessitando de determinados fatores para que o sentido se constitua. Essa teoria tem como objeto de estudo o discurso, considerado de natureza complexa. Para constituir-se como ciência, foi preciso que Pechêux buscasse conhecimento em outras áreas de estudo: na Psicanálise, com base na releitura que Lacan fez dos trabalhos de Freud; na Linguística, a partir dos estudos de Saussure; e no Marxismo, com base nas releituras que Althusser fez dos textos de Marx. Assim, a Análise do Discurso é considerada uma disciplina de entremeio.

A Análise do Discurso de orientação francesa postula a tese de que a linguagem possui uma relação com a exterioridade, considerando o sujeito, a história e a memória. O sujeito se constitui na e pela linguagem e o seu dizer é o resultado da interpretação que faz e esta está sempre sujeita a equívocos, a falhas e rupturas, uma vez que a linguagem é vista na sua incompletude. Assim, nem sujeitos e nem sentidos são completos ou definitivos. Eles se constituem historicamente, socialmente e pela memória discursiva. Segundo Orlandi, (2007, p. 80), “as palavras remetem a discursos que derivam seus sentidos das formações discursivas, regiões do interdiscurso, que por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas”.

O discurso é visto como uma prática social e constitutiva do sujeito. O sujeito não só é constituído pelos discursos, como também constitui discursos vários advindos de outros lugares. Os discursos que circulam em nossa sociedade pós-moderna tendem a moldar e, ao mesmo tempo, dispersar traços identitários do sujeito. A identidade do sujeito é atualmente atravessada pelo dizer do outro, ou seja, pelo interdiscurso, e é pelo olhar do outro que o sujeito se constitui.

Nesse sentido, este estudo refere-se, principalmente, aos dizeres dos professores temporários que prestaram a prova de classificação da rede estadual de São Paulo em 17 de dezembro de 2008, utilizada pelo governo como um dos critérios para a atribuição de aulas a professores que não são concursados. Essa prova é sobre a nova Proposta Curricular implementada pela Secretaria de Educação do Estado e que a partir do início do ano letivo de 2009 passou a ser o Currículo Oficial do referido estado. Portanto, é objetivo deste estudo verificar nos dizeres dos professores indícios constitutivo de suas identidades atravessados pelo momento histórico-educacional vivenciado por ele.

Para a coleta de dados e constituição do corpúsculo de análise, foi realizada uma entrevista no final do ano letivo de 2009, com três professoras que fizeram a prova de classificação, especificamente na disciplina de Língua Estrangeira Moderna – Língua Inglesa (LEM – LI), uma vez que esta é a única condição imposta pela Secretaria de Educação para que o professor temporário seja contratado para ministrar aulas na rede pública do Estado. A pesquisa foi realizada em duas escolas do estado, uma considerada de pequeno porte e a outra de médio porte, ambas localizadas em duas cidades bem próximas, no interior do referido estado, pertencentes à mesma Diretoria Regional de Ensino.

O presente trabalho pretende responder às seguintes indagações: que representação o professor faz de si em ser avaliado pela instituição pública? Que representação ele faz da prova e do governo que a utiliza como critério de atribuição de aulas? Por meio das respostas da entrevista, pretende-se obter dados relevantes quanto à constituição identitária desse professor. A hipótese que se tem é que esse professor tem sua identidade fragmentada, contraditória, inacabada, em processo de construção, reconstrução, e que ele não possui apenas uma identidade e sim várias e que estas são complexas e heterogêneas, atravessadas pelas nuances educacionais vivenciadas por ele.

A escolha da realização deste trabalho com professores temporários especificamente da disciplina de Língua Inglesa se dá pelo motivo de a pesquisadora fazer parte do quadro de professores efetivos de LEM – LI da rede pública do estado de São Paulo, uma vez que grande parte do quadro de professores é constituída por professores temporários, considerando que a prova de classificação somente para eles tornou-se motivo de muita

discussão no ambiente escolar e, ainda, por acreditar que essa categoria de professores são os que mais foram afetados pela mudança no contexto educacional. Diante desse quadro, perfaz-se a necessidade de estudar os processos envolvidos na constituição da identidade e representação do professor temporário de LI em relação a esse contexto educacional, marcado historicamente pelo processo de implementação da nova Proposta Curricular em 2008.

Sujeito e seus esquecimentos: uma questão de identidade e representação

Do ponto de vista da AD, o sujeito constitui-se pelos dizeres de outros. Não há um dito que nunca fora dito antes. Assim, o discurso é determinado pelo interdiscurso, o que Pêcheux (1988, p. 162) chama de “‘todo complexo com dominante’ das formações discursivas [...] ele é submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação que [...] caracteriza o complexo das formações ideológicas”. Nessa perspectiva, Orlandi (2007, p. 32-33) discute a ideia de “eixo vertical”, o interdiscurso, que “é todo conjunto de formulações feitas e já esquecidas que determinam o que dizemos” e de “eixo horizontal – o intradiscurso – que seria o eixo da formulação, isto é, aquilo que estamos dizendo naquele momento dado, em condições dadas”.

Os dizeres dos sujeitos vêm de outros lugares, com efeitos de sentido cristalizados, que ficam na memória discursiva e que podem ser ativados pelo acontecimento. Para Pêcheux (1990, p. 52), “a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto que surge como acontecimento a ler, vem restabelecer os ‘implícitos’ [...] de que sua leitura necessita: a condição do legível em relação ao próprio legível”. Portanto, a memória discursiva possibilita ao sujeito construir redes de significações, que já vêm sendo construídas ao longo dos tempos histórica e ideologicamente. Assim, o sujeito não é a origem do significado, uma vez que ele se constitui pela multiplicidade dos dizeres de outros, ele é o resultado de interação de várias vozes, marcando a sua constituição heterogênea.

Para Pêcheux (1990, p. 77), “o discurso é sempre pronunciado a partir de *condições de produção* dadas [...] situado no interior da *relação de forças* existentes entre os elementos antagonistas”, ou seja, seu sentido é constituído em relação à posição e lugar ocupado pelo sujeito. Dito de outra forma, as palavras não têm apenas um significado, seus sentidos dependem do espaço e da posição que o sujeito ocupa. Segundo Orlandi (2007, p. 39-40), “como nossa sociedade é constituída por relações hierarquizadas, são as relações de força, sustentadas no poder desses diferentes lugares, que se fazem valer na ‘comunicação’”.

Pêcheux fala de dois tipos de esquecimentos inerentes ao discurso que afeta o sujeito ao enunciar, o esquecimento número um, também chamado de esquecimento ideológico, e o de número dois, da ordem da enunciação, que constitui um dos postulados principais da AD. Pêcheux (1988, p. 173) chama de:

[...] esquecimento nº 2 ao “esquecimento “pelo qual todo sujeito-falante “seleciona” no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase – um enunciado, forma ou sequência, e não um outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada.

Por outro lado, apelamos para a noção de “sistema inconsciente” para caracterizar um outro “esquecimento”, o esquecimento nº 1, que dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina. Nesse sentido, o esquecimento nº 1 remetia, por analogia com o recalque inconsciente, a esse exterior, na medida em que – como vimos – esse exterior determina a formação discursiva em questão.¹

Tais esquecimentos constituem uma ilusão necessária ao sujeito, pois é primordial ao sujeito sentir-se que o que ele disse só pode ser dito daquela forma, só tem um significado, o sentido desejado por ele, pois ele controla o sentido de seu dizer e, ainda, o que disse pertence a si, pois ele é a fonte, a origem daquele dizer. Assim, o esquecimento é parte constitutiva e estruturante tanto dos sujeitos como dos sentidos. Os sujeitos inconscientemente esquecem-se do que já foi dito para constituir um outro e diferente dizer no mesmo e assim continuam a movência dos sentidos, dos sujeitos e dos discursos. Dessa forma, Orlandi (2007, p. 37) afirma que “a incompletude é a condição da linguagem: nem os sujeitos nem os sentidos, logo, nem o discurso, já estão prontos e acabados. Eles estão sempre se fazendo, havendo um trabalho contínuo, um movimento constante do simbólico e da história”.

É notável em várias áreas de estudo, nos últimos anos, o interesse voltado para a questão da identidade. Não só o seu conceito é colocado em jogo, como também seu processo histórico conceitual e sua constituição na prática. Dentro da teoria da Análise do Discurso é indispensável o estudo em relação à identidade, uma vez que aquela considera o sujeito na/da linguagem, pois os discursos são produzidos por sujeitos e as identidades dos sujeitos são construídas dentro dos discursos. Portanto, é necessário analisar o discurso para verificar como as identidades, o próprio discurso e o sujeito são constituídos histórica e socialmente.

Hall (2006) faz uma análise das mudanças históricas do sujeito que vem ocorrendo a partir de três concepções de identidade: sujeito do Iluminismo, sujeito sociológico e sujeito pós-moderno. Segundo Hall (2006, p. 10), “o sujeito do Iluminismo estava baseado numa concepção da pessoa humana como indivíduo totalmente centrado, unificado, dotado” de capacidade racional. A noção de sujeito sociológico, para Hall, reproduzia a complexidade do mundo moderno. O núcleo interior do sujeito estava baseado na relação social, a qual mediava valores, símbolos e sentidos na formação da cultura por ele vivida. Hall afirma que o sujeito que tinha uma identidade estável está se tornando fragmentado; composto de várias identidades mutantes e transitórias. Segundo Hall, esse processo produz o sujeito pós-moderno, sem identidade fixa, ou seja, o sujeito tem suas identidades formadas e transformadas em diferentes momentos e contextos históricos. O sujeito pós-moderno tem identidades múltiplas. Ainda, Hall (2006, p. 13) ressalta que:

A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia. Ao invés disso, à medida em que os sistemas de significação e representação cultural se multiplicam, somos confrontados por uma multiplicidade desconcertante e cambiante de identidades possíveis, com cada uma das quais poderíamos nos identificar – ao menos temporariamente.

O conceito de identidade, neste presente estudo, é relevante, pois evidencia como o sujeito/professor representa-se, como suas identidades são transformadas em relação às

¹ Destaques do autor.

políticas governamentais. As identidades estão sempre em processo de transformação. Ao mesmo tempo em que elas são construídas, podem também ser reconstruídas, tornando-se difícil identificá-las. Segundo Coracini (2003, p. 198), é um “processo complexo e heterogêneo, do qual só é possível capturar momentos de identificação”. Prosseguindo, a pesquisadora afirma que, “apesar da ilusão que se instaura no sujeito, a identidade permanece sempre incompleta, sempre em processo, sempre em formação” (2003, p. 243).

Ainda, Coracini (2007) afirma que o sujeito cria a ilusão que a sua identidade é só sua, natural e inata, mas, segundo a autora, não há apenas uma identidade, pois só podemos verificar traços identitários, e que estes são incompletos e sempre em processo de formação. A autora conclui que o sujeito é efeito de várias identificações imaginárias e simbólicas com os fragmentos identitários do outro. Há, portanto, uma fusão, um entrelaçamento, que constrói a complexidade do inconsciente, da subjetividade. Esse processo é resultado da falta que sempre acompanha o sujeito e a sua busca incessante em preenchê-la por toda a sua existência. Assim, o sujeito, na tentativa de suprir sua falta, deseja o outro. Como o outro também tenta suprir sua falta, o deseja também, portanto o que o sujeito deseja é o desejo do outro, isto é, que o sujeito seja o desejo do outro.

Segundo Orlandi (1998, p. 205), “os sentidos não são algo que se dá independente do sujeito”. O significado se significa com e no sujeito e o sujeito se constitui ao significar. Portanto, sentido e sujeito são inseparáveis e constitutivos dos processos de identificação. A autora ainda afirma que:

Os mecanismos de produção de sentidos são também os mecanismos de produção dos sujeitos. Eles implicam, por sua vez, uma relação da língua (sistema capaz de equívoco) com a história, funcionando ideologicamente (relação do simbólico com o imaginário)... Os sentidos – e os sujeitos – resultam de filiações em redes (na relação de distintas formações discursivas) em cujo jogo somos pegos, pelo (desde o) interior. Não temos acesso à origem dos sentidos e é por um mecanismo ideológico elementar que nos “situamos” na sua origem, tendo assim a impressão de que eles começam em nós, como se fôssemos sujeitos sempre já constituídos. Ao contrário, é nesse jogo entre a língua e a história que, aos produzirmos sentidos, nos produzimos como sujeitos. Somos pegos pelo real da língua e pelo real da história sem todavia termos acesso ao modo pelo qual a língua nos afeta nessa relação com a história. (ORLANDI, 1998, p. 205-206)

Ainda, sobre esse processo identificatório do sujeito, segundo Pêcheux (1990, p. 82), “o que funciona nos processos discursivos é uma série das formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao *outro*, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”. Em outras palavras, estabelece-se um jogo de imagens em que os interlocutores do discurso enunciam segundo a imagem que fazem do lugar que ocupam, do lugar que o outro ocupa e a imagem que estes têm de seus referentes. Assim, o sujeito/professor se constitui pelo outro e se vê pelo olhar do outro.

Análise dos enunciados

Alguns enunciados dos sujeitos professores emanados de seus discursos foram selecionados para análise, na tentativa de captar fios identificatórios desses sujeitos. Para tal, durante a entrevista, foram levantadas questões referentes ao processo de atribuição

de aulas a professores temporários de LI adotado pelo governo do estado de São Paulo, ou seja, a prova de classificação realizada no final do ano letivo de 2008.

Com relação à representação que o sujeito/professor faz de si em ser avaliado pela instituição pública, durante a entrevista, os professores foram indagados sobre seu preparo em realizar a prova e sobre o seu desempenho. Quanto ao preparo, todos se consideram sem tempo para dedicar-se à leitura teórica sobre o material do qual aplicam na prática. E em relação ao desempenho, se julgam capazes de conseguir algo melhor, como em:

(E1) – Não. Porque eu não tive tempo de estudar e então eu não me senti preparada para realizar a prova.

(E2) – Na hora em que eu me deparei com a prova, percebi que eu tinha algum conhecimento, pela prática, pelo tempo de trabalho e pela nova Proposta também... Então... deu pra ser aprovada...

(E3) – Ah, eu não fui muito bem, eu não tive tempo de estudar, entendeu? Como vai ser esse ano de novo...

(E4) – Eu acho que eu poderia ter ido além, poderia ter ido melhor. Porque eu sou assim, eu sou muito... não é perfeita, mais é assim, eu quero tudo assim... Eu sempre penso além. Eu acho que eu deveria ter ido um pouco mais...

(E5) – Não, eu não fiquei. Eu não fiquei satisfeita, poderia ter ido melhor.

Pelos enunciados apresentados, e especificamente pelo uso de algumas sequências lexicais, observa-se a maneira como o sujeito/professor se vê: “não tive tempo de estudar”, “não me senti preparada”, “tinha algum conhecimento pela prática, pelo tempo de trabalho”, posicionando-se na condição de um sujeito que vive nos tempos atuais, com muitos afazeres, sem tempo para se dedicar a algo mais, que foge do seu cotidiano, mas consegue adquirir algum conhecimento teórico pela “prática”, pelo seu tempo de “trabalho” e experiência. O dizer do sujeito/professor aponta para a surpresa, para o encontro de algo inesperado ao fazer uso do verbo “deparei” em: “Na hora em que eu me deparei com a prova... percebi que eu tinha algum conhecimento”. O uso da expressão adverbial que denota tempo “na hora em que” também sugere espanto a algo que inesperadamente aparece na sua frente. Nessa perspectiva, nota-se que o sujeito/professor é traído pelo emprego linguístico, marcando o equívoco da língua, na tentativa de se garantir no lugar de saber constituído simbolicamente pelo próprio professor “detentor do saber”. Dito de outra forma, ao tentar passar uma imagem de um professor que “tinha algum conhecimento” para fazer a prova, ele se constitui no equívoco, na contradição, ao mostrar a sua surpresa em ser avaliado, revelando a sua incompletude. Ao afirmar que seu conhecimento advém da “prática pelo tempo de trabalho e pela nova Proposta também... Então... deu pra ser aprovada”, o sujeito/professor se descortina, revelando-se o sujeito articulador entre prática e teoria adquiridas pelo seu tempo de trabalho (prática) e pela nova Proposta também (teoria), portanto se constitui no sujeito/professor ideal, o sujeito que é capaz de despertar o desejo no outro. Tal posto é conquistado com muito trabalho, dedicação, e são reconhecidos de uma forma sacerdotal que “deu pra ser aprovada”. O emprego do verbo “dar” produz efeitos de sentido de doação, de presentear, evocando o discurso religioso-cristão que esboça o sentido de que é só por meio do sacrifício que Deus nos concede bênçãos que aqui são representadas pela “aprovação”.

Com uma sobrecarga de trabalho, número excessivo de aulas, tendo como meta o aprendizado de seus alunos, vê-se diante de uma impossibilidade, ou seja, cuidar de

seu aprimoramento profissional. Assim, o sujeito/professor tem em seu imaginário certo conformismo com a situação: “Ah, eu não fui muito bem, eu não tive tempo de estudar, entendeu? Como vai ser esse ano de novo”. Mesmo assim, mostra uma aparente ilusão, o desejo de ir “além”, de ir “melhor”, de ser “perfeita”. Esses dizeres corroboram a visão de um sujeito que busca sua estabilidade identitária: “eu acho que eu”, “porque eu sou assim”, “mais é assim, eu quero tudo assim”, “eu sempre penso assim”, mas que esta é fragmentada por diferentes situações vivenciadas. É esse o olhar que o sujeito/professor lança sobre si diante do momento histórico-educacional que ele está vivendo, provocando um retorno sobre si mesmo, de maneira inconsciente, como se o problema de não sair-se bem na prova, não ter tempo para estudar fosse só dele e, portanto, pode solucionar sozinho, melhorando-se.

As observações realizadas pelos professores entrevistados sobre a prova e sobre o governo que a utiliza como critério de atribuição de aulas revelam sentimentos bruscos provocados pela mudança instaurada pelo governo. As representações que esse sujeito/professor faz da prova e do governo oscilam entre uma imagem positiva necessária, autoritária e determinadora. Assim, como o professor aplica prova a seu aluno, ele também acha que deve ser submetido a uma prova, mas acha que o governo não deveria ter o poder de usá-la como um instrumento que determina o lugar ocupado pelo sujeito/professor.

(E6) – Olha... ela é boa pra realmente analisar se o professor tem o domínio do conteúdo ou não... só que essa questão de ser classificatória... eu acho que isso é injusto... porque eu penso assim... tem aquele professor que trabalhou 19 anos e às vezes ele não teve tempo pra se preparar pra estudar para a prova... então ele automaticamente ele vai se sair mal na prova... como a gente está vendo a bibliografia é tudo a nível de faculdade... eu... que terminei uma faculdade há 8 anos... tem muita coisa que eu não lembro... então eu não vou ter o domínio... então quem está na Faculdade que não tem pontuação nenhuma que nunca exerceu a profissão vai se sair melhor do que quem já está 19... 21... 24 anos na rede...

Essas representações sobre a prova e sobre o governo constituídas pelos professores deixam entrever aspectos da identidade desse sujeito/professor por meio de certos empregos de sequências lexicais: “boa”, “injusto”, “prejudicada”, “experiência” que são reveladoras da contradição em que o professor vive. A prova faz parte de um saber institucionalizado, ou seja, por meio de uma prova que se mede o conhecimento adquirido pelo ser humano: “ela é boa pra realmente analisar se o professor tem o domínio do conteúdo ou não”, mas esta é vista como “injusto” quanto ao caráter classificatório que tem, ou seja, o governo utiliza-a para determinar quem ocupa o espaço que já é ocupado pelo professor.

Ao enunciar que: “tem aquele professor que trabalhou 19 anos e às vezes ele não teve tempo pra se preparar pra estudar para a prova... então ele automaticamente ele vai se sair mal na prova”, verifica-se que a mudança dos pronomes provoca um distanciamento e, ao mesmo tempo uma proximidade, pois esse sujeito/professor relata não só o que ele está passando, como também se coloca no lugar do outro que ocupa o mesmo lugar que ele, ou seja, o lugar da incerteza, o lugar não determinado, o lugar não lugar. Em seguida, o sujeito/professor, ao dizer que “como a gente está vendo a bibliografia é tudo a nível de faculdade... eu... que terminei uma faculdade há 8 anos”, traz à baila o seu desejo em ocupar o lugar do “outro” que está na Faculdade, pois esse outro tem assegurado certa vantagem em relação ao sujeito/professor. Desse dizer emanam desejos e frustrações

inconscientemente e aparentemente negados. O fato de o sujeito/professor ter terminado a “faculdade há 8 anos” o distancia do objeto desejado: o saber, no entanto, ele tem a experiência que o outro não tem. Ao estabelecer essa comparação, o sujeito/professor faz irromper pares de dicotomias: “eu... que terminei uma faculdade/quem está na Faculdade; eu não vou ter o domínio/ vai se sair melhor”. Ao mesmo tempo, ele é possuidor de algo capaz de despertar o desejo no outro, que se faz entrever via intradiscurso por meio da denegação: “quem está na Faculdade que não tem pontuação nenhuma que nunca exerceu a profissão”, apesar de ele não estar mais na Faculdade, ele tem a pontuação, ele exerce a profissão, ele ocupa o lugar desejado por aquele que está na Faculdade Assim, o sujeito/professor revela sua identidade fragilizada, fragmentada, em conflito com o outro, deseja do outro, desejanste de ser o desejo do outro. Nesse sentido, as posições dicotômicas se misturam e denunciam a constituição heterogênea do sujeito e sua busca incessante pela completude.

(E7) – Ela não caiu... falaram pra gente o que vai cair é o conteúdo dos Cadernos do Professor... então... a gente... eu... pelo menos... li assim a Proposta e muito conteúdo de 5º... 6º... 7º e 17º e não caiu muita coisa sobre isso... assim de conteúdo de Inglês... sempre ouvi que é experiência... o que vai cair na prova é experiência... e caiu experiência na prova... não caiu muita coisa assim de experiência...

(E8) – Eu achei muito extensa, que pela Educação do novo país não há necessidade de estender tanto... E depois você tem que ficar decorando as ideias dos outros autores... Tem uma distância entre a prática e a teoria... porque o Estado exige uma coisa e a Pedagogia mostra outra coisa...

No enunciado (E7), mais uma vez, o sujeito/professor conta com o saber adquirido pela prática, sem se dedicar à teoria, uma vez que ele não tem tempo para isso: “o que vai cair na prova é experiência”. Em meio à tentativa de justificar o porquê não se saiu bem na prova, o sujeito/professor denuncia a voz do outro que o constitui: “falaram pra gente” ele não explicita quem foi esse outro que falou, mas diz para quem: “pra gente”, o que significa que não foi só para ele e, assim, inclui um outro para constituir o seu dizer. Também, o sujeito/professor diz o que falaram: “o que vai cair é o conteúdo dos *Cadernos do Professor*... então... a gente... eu... pelo menos... li assim a Proposta e muito conteúdo de 5º... 6º... 7º e 8º e não caiu muita coisa sobre isso”, portanto, não só ele, mas também “a gente” leu mais a prática que é representada pelo “conteúdo de Inglês” que vem nos *Cadernos do Professor*. Assim, o sujeito/professor traz para seu dizer as vozes de vários outros de uma forma marcada, revelando uma identidade em constituição pelo/no olhar (falar) do outro, o que possibilita apenas capturar momentos identificatórios desse sujeito.

O posicionamento assumido no enunciado (E8) é de contradição entre o que se prega nos documentos oficiais e o que acontece na prática: “E depois você tem que ficar decorando as ideias dos outros autores”, mostrando uma disjunção da vida prática do sujeito/professor e das ideias dos teóricos, o que sugere a ausência de espírito crítico por parte do professor. No recorte discursivo do sujeito/professor C19, faz-se entrever emaranhados de fios interdiscursivos do discurso político-educacional e do discurso pedagógico. Ao considerar a prova “muito extensa... que pela Educação do nosso país não há necessidade de estender tanto... não há necessidade pra isso”, desprestigia as exigências feitas pelas instâncias governamentais em detrimento à situação educacional “do nosso país” em que se encontra no momento, ou seja, desqualificada e, portanto, desacreditada.

Para dar ênfase à atitude desvalorizada do governo e veracidade ao seu dizer, o sujeito/professor faz uso da repetição: “não há necessidade”. Em continuidade à descrença ao sistema educacional, aponta a contradição, o conflito entre a teoria e a prática, ao enunciar: “e depois você tem que ficar decorando as ideias dos outros... tem uma distância entre a prática e a teoria... porque o Estado exige uma coisa e a Pedagogia mostra outra coisa”. O discurso da abordagem tradicional urra, no seu dizer, ao enunciar que “devemos decorar as ideias”. Para ele, o aprendizado é o mesmo que memorização, remetendo-se ao estruturalismo, à cópia e repetição. Na sua visão, teoria e prática são distintas, não se articulam e mantêm-se distante uma da outra. Essa contradição e conflito instaurado entre o discurso político-educacional e o discurso pedagógico não é só constitutiva da linguagem, mas também do sujeito, mostrando a sua natureza heterogênea. Assim, as redes identitárias desse sujeito/professor são observadas como complexas e tensas.

Considerações finais

Neste estudo, foram analisadas algumas representações de professores temporários de LEM – LI sobre a prova de classificação da rede estadual de São Paulo. O discurso do sujeito/professor emergido sobre esse acontecimento, tendo a entrevista como meio emanante, foi capaz de captar fragmentos identificatórios da identidade do professor de LI. Por meio das representações que o professor de LI faz de si em ser avaliado pela instituição pública e pela representação que ele faz da prova e do governo contribuíram para a reconstrução do processo de identidade do sujeito/professor.

Com relação às representações que o sujeito/professor faz de si vazaram representações do sistema educacional brasileiro. O professor, antes valorizado socialmente, sofre desprestígio não só pela sociedade, mas também pelo governo. Hoje, o professor que atua em sala de aula “não tem tempo” para se atualizar, para ler a teoria e estabelecer laços de maneira crítica com a prática desenvolvida pelo professor em sala de aula.

Mesmo diante desse quadro, o sujeito/professor sente-se culpado pelo seu desempenho na prova, sente-se o dever, o desejo de sair bem na prova que emerge de suas representações sobre a prova. Assim, o sujeito/professor carrega em si o desejo de autoridade, vestígio do passado, desejo de controle do outro, ou seja, da prova, desejo de ocupar o lugar de *status* de mestre do saber, desejo não realizado e de difícil tarefa, mas que de forma inconsciente luta para garantir sua “manutenção do centro, mesmo que ele perceba que esse centro lhe escapa a todo o momento, deixando em seu lugar uma sensação de desconforto e insegurança” (CORACINI, 2003, p. 253). Ainda, coloca-se em uma posição de inferioridade em relação àquele que acabou de sair da Faculdade, pois “surgiu uma bibliografia a nível da Faculdade”, mostrando sua fragilidade em competir com o outro que ocupa um lugar desejado, ou seja, o lugar do saber, podendo este tomar o seu lugar que sente que lhe pertence, pois já “trabalha” ali há “anos”. Portanto, verifica-se a presença do sujeito da falta, sua incompletude e a sua necessidade do outro para se completar. Mas o outro também é um sujeito desejante do lugar que o sujeito/professor ocupa, mostrando sua falta também e a eterna busca do sujeito pela sua completude, totalidade, que só será atingida por meio do controle de si e do outro.

Por este trabalho, pode-se concluir que as identidades emergem via linguagem e que estão sempre em processo de constituição, em identificação com o outro. Portanto, as

identidades não estão prontas, acabadas, não são falsas e nem são totalmente verdadeiras. Elas estão e fazem parte de um jogo constante, de um jogo de “verdade” sempre, portanto são complexas e heterogêneas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORACINI, M. J. (Org.) *Identidade e discurso: (des)construindo subjetividades*. Campinas: Unicamp; Chapecó: Argos Editora Universitária, 2003.

_____. *A celebração do outro: arquivo, memória e identidade*. Campinas: Mercado de Letras, 2007. p. 59-78.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guaracira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

ORLANDI, E. P. Identidade linguística escolar. In: SIGNORINI, Inês (Org.). *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo aplicado*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1998. p. 203-212.

_____. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 7. ed. Campinas, SP: Pontes, 2007.

PÊCHEUX, M. *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Pucinelli Orlandi. 3. ed. Campinas: UNICAMP, 1988.

_____. Análise Automática do Discurso. In: GADET, F. E HAK, T. (Orgs.) *Por uma análise automática do discurso*. Uma introdução à obra de M. Pêcheux. Campinas: UNICAMP, 1990, p. 311-318.